



diariodigital

Director: Pedro Curvelo

Pesquise no DD em

Tome o DD a sua homepage quinta-feira, 23 de Dezembro de 2010 | 11:13

[MUNDO](#) | [POLÍTICA](#) | [SOCIEDADE](#) | [AMBIENTE](#) | [SAÚDE](#) | [PESSOAS](#) | [ECONOMIA](#) | [DESPORTO](#) | [CULTURA](#) | [TV E CINEMA](#) | [MULTIMÉDIA](#) | [INFORMÁTICA](#) | [MÚSICA](#)

Notícias

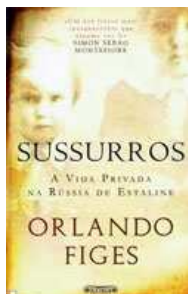
Outros artigos desta secção

quinta-feira, 23 de Dezembro de 2010 | 10:07

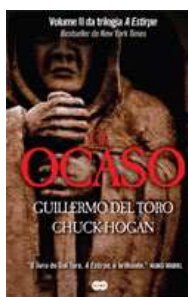
Imprimir Enviar por Email

A árvore de Natal do Diário Digital

Texto: Pedro Justino Alves



«Sussurros – A vida privada na Rússia de Estaline», de Orlando Figes, «resulta de um projecto de investigação em grande escala, cuja importância nunca será exageradamente salientada. Figes e a sua equipa retiraram dos arquivos diários e outros relatos, e entrevistaram centenas de sobreviventes. Estamos perante um livro pungente, que devia ser de leitura obrigatória na Rússia Actual», disse Antony Beevor ao The Times. Agora editado no nosso país pela Alêtheia, esta obra aborda o medo que as pessoas tinham em falar na ex-URSS, comunicando muitas vezes entre si através de «sussurros», às vezes para proteger familiares ou amigos, outras para os atraí-los (a desconfiança era a palavra de ordem da sociedade). Não temos aqui uma análise política exaustiva do comunismo soviético, pelo contrário. Acima de tudo o livro apresenta inúmeras histórias da *gente comum* que acabam por oferecer ao leitor um rigoroso fresco do que foi (sobre)viver na história recente da URSS, principalmente entre 1930 e 1956. Não temos aqui uma obra de dramas, pois Figes tem o dom de nunca ultrapassar a fronteira do melodramático, mas «Sussurros – A vida privada na Rússia de Estaline» não deixa de marcar quem o lê, como admitiu Simon Sebag Montefiore ao jornal Mail on Sunday: «Esta obra de Orlando Figes, sobre o sofrimento infligido ao povo soviético pelo seu próprio regime, é um dos livros mais inesquecíveis que li em toda a minha vida. Desafio quem quer que seja a ler este livro sem verter lágrimas pelo sofrimento, e a crueldade e as provas de coragem nele descritas.» Uma obra arrebatadora!



Depois de «A Estirpe», Guillermo del Toro e Chuck Hogan estão de volta com «O Ocaso», editado entre nós novamente pela Suma de Letras, o segundo volume da trilogia que ambos criaram. Como escreveu o Los Angeles Time, os dois autores «devolveram aos vampiros a sua deliciosa e cruel maldade. Finalmente». Aliás, o primeiro volume causou um enorme furor no mundo literário e muitos leitores contavam os dias para o lançamento deste segundo capítulo, que chega agora a Portugal. Um dos segredos desta trilogia, e daí talvez o seu sucesso, é não inventar em demasia, procurando antes de tudo manter o *carácter* que fez a personalidade dos vampiros durante séculos, trazendo no entanto os mesmos para os nossos dias. O ritmo de leitura criado por Guillermo del Toro e Chuck Hogan é outro factor decisivo para o seu êxito, já que toda a história não tem pausas, obrigando o leitor a não parar um único momento. Estes dois factores criaram um, verdadeiro culto mundial, um culto que mais cedo ou mais tarde deverá estar no grande ecrã, sendo um dos seus autores/criadores um cineasta de renome. Em «O Ocaso» o conflito entre humanos e vampiros continua e inclusive está cada vez mais próximo o fim da humanidade como até hoje conhecemos, já que os seres de dentes afiados têm um plano para aniquilar de vez a nossa raça. Agora é contar os dias para o terceiro livro da trilogia, tudo porque muitos leitores em todo o Mundo já leram este segundo volume e aguardam ansiosamente o desfecho desta temozante, e fascinante devido ao seu ritmo, história...



«Deixa-me Entrar», de John Ajvide Lindqvist (Contraponto), é um *thriller* que cativou inúmeras pessoas em todo o Mundo. Uma das razões desse êxito é porque tem um vampiro no centro das atenções. Mas não pensem os leitores que esta é mais uma história de vampiros, que invadiram o mercado editorial um pouco por todo o lado. Como é apanágio nos policiais oriundos da Suécia, mais uma vez o lado negro da sociedade sueca é retratada neste livro, concretamente as relações familiares, próprias de um país do Terceiro Mundo e muito distante do Estado Social exemplo que o país sustenta. Lindqvist consegue manter com extrema facilidade a intriga desde o início e não se remete a palavras doces para contar a sua história, repleta de sangue e violência devido a uma série de assassinios que assolam a localidade de Blackberg. Mas não se pense que a brutalidade nas suas páginas são desproporcionadas, pelo contrário, tudo tem uma lógica que acaba por ser determinante para o seu desfecho. «Deixa-me Entrar» ganhou o Prémio Selma Lagerlöf em 2008 e foi adaptado ao cinema por duas vezes, comprovando que estamos perante uma obra bastante visual e com enormes capacidades de entreter os seus leitores. Na realidade, John Ajvide Lindqvist, apesar de ter um vampiro como personagem central, escreve uma obra que vai muito mais longe do que o género fantástico, analisando antes de tudo a génese das relações humanas.



Outro policial sueco que merece uma atenção especial por parte dos leitores neste final de ano é «Gritos do Passado», de Camilla Läckberg, autora de «A Princesa de Gelo», que alcançou um assinalável êxito entre nós, inclusive por parte da crítica (ambos os livros editados pela Dom Quixote). Desta vez os corpos são encontrados em Fjällbacka, o porto turístico onde decorreu a novela anterior. De uma assentada são encontrados três corpos e, para piorar, há uma jovem desaparecida, que, muito provavelmente, tem as suas horas contadas se não for encontrada o mais rápido possível. Mais uma vez Patrik Hédstrom comanda as investigações com a ajuda de Erika Falk, nas últimas semanas de gravidez. Läckberg consegue novamente construir uma trama cativante, onde nada é o que parece, conduzindo o leitor deste modo para sucessivos erros de suposições, o que, numa investigação, é fatal (e fascinante para os leitores com veias de Sherlock Holmes...). A autora, uma das mais lidas na Europa no ano passado, consegue também mostrar com o virar das páginas as fragilidades da equipa de investigação e revela com brilhantismo os segredos da família Hult, segredos que acabam por ser essenciais na resolução do mistério. Em resumo, Läckberg não se centra apenas nos casos em si, embora esses sejam o fio condutor, mas também aborda tudo o que o rodeia, principalmente os conflitos de interesses de cada protagonista. A verdade é que aos poucos a autora revela os inúmeros silêncios dos habitantes de Fjällbacka, que está longe de ser um pacato destino turístico...



Tempo

LISBOA	PORTO	FARO
13/10	10/6	15/11

Mercados [Clique para aceder ao ticker](#)

PSI20 +0.11 7,873.24 +0.00 ▲

Horóscopo

Newsletter

AUTO-DIGITAL

APRESENTAÇÃO NACIONAL

Renault Roadshow Z.E.: o futuro já ao virar da esquina

LIVROS

A Árvore de Natal do Diário Digital

O Natal aproxima-se e o Diário Digital oferece inúmeras sugestões para os leitores que ainda não escolheram as suas prendas, que, como é apanágio dos portugueses, deverão ser a maioria de nós, já que tradicionalmente deixamos tudo para a última hora. As variedades são inúmeras e aqui temos algumas delas, inclusive para os leitores mais novos.

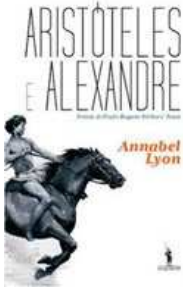
Utilidades

Escolha uma opção...

Imprensa do Dia

Escolha uma opção...

Serviços



Já em «Aristóteles e Alexandre», de Annabel Lyon, obra também editada entre nós pela Dom Quixote, vencedor do Prémio de Ficção Rogers Writers' Trust, vivenciamos a relação real entre o filósofo e o futuro Imperador, num regresso ao passado preenchido de ambientes e referências históricas. Deste modo, o leitor é convidado pela autora a (re)descobrir mais sobre estas duas personagens que marcaram, cada um do seu modo, o Mundo. Tudo começa quando Aristóteles, reconhecido como um dos fundadores da filosofia ocidental, é obrigado a ser o tutor do filho de Filipe da Macedónia, Alexandre. Apesar de inicialmente contrariado, a relação do filósofo com o seu educando floresce, principalmente devido a enorme capacidade intelectual do seu pupilo, desde sempre educado para ser um guerreiro. Surge portanto um duelo cultural na educação de Alexandre, que, através de Aristóteles, compreende finalmente o significado do que é uma relação entre pai e filho. Aos poucos o jovem abre-se para o seu mestre, e apenas para ele, surgindo assim posteriormente o inevitável conflito entre o filósofo e Filipe da Macedónia, que toma consciência da mudança espiritual do seu filho. Lyon consegue dar um retrato histórico soberbo da época, trazendo novamente aos nossos dias dois dos principais nomes da História da Humanidade. Ao mesmo tempo, comprova que é através do diálogo e da cultura que a Humanidade deve caminhar, recusando ao máximo a solução bélica. Uma obra para ser lida de espírito aberto..



«Californication» é uma das séries de culto da actualidade televisiva muito devido ao papel de David Duchovny (actor que ficou célebre devido a sua participação em «Ficheiros Secretos», série que, ao lado de «Twin Peaks», alterou por completo o modo de ver televisão), que interpreta Hank Moody, um escritor que vive no limite e à sombra do seu único sucesso literário devido a um bloqueio criativo (sim, «Californication» é a prova de que o bloqueio poderá finalmente ter terminado). Se é habitual vermos um livro transformado em filme, aqui aconteceu precisamente o contrário, já que «Deus Não Gosta de Nós», editado pelo Clube do Autor, é uma obra escrita por... Hank Moody (sim, do personagem principal de «Californication»). Em pouco menos de 200 páginas temos por inteiro os temas da série que encantam milhões de pessoas em todo o Mundo, ou seja, sexo, droga e álcool, mas também uma visão fria e distante da vida, onde todos os personagens procuram viver ao máximo os minutos das suas existências como se fossem o último. Hank Moody relata a vida de um jovem dealer sem rumo, um protagonista que acaba por ser um retrato seu. Devido aos inúmeros diálogos, «Deus Não Gosta de Nós» mantém um ritmo sem paragens, o que vai certamente agradar aos admiradores de «Californication», mas também os que não conhecem a série. Este livro é o primeiro editado pela Marcador, uma nova chancela da nova editora Clube do Autor.



Médico de formação, Francisco José Pereira Alves está de regresso com «Alma de Cão», editado pela Oficina do Livro. Mário Zambujal garante no prefácio que esta obra é um «bom livro», «que nos prende pelo conteúdo e pela forma – o que se conta e como se conta». O autor, «nome com lugar assegurado no extenso e nobre rol de personalidades que se completam, e não dividem, entre as letras e a medicina», conta a história de um ex-juiz, um motorista de camião e um bancário que conhecem-se numa enfermaria de neurocirurgia. Mas há mais um elemento, um cão, que acaba por ser o elo aglutinador entre os três. O livro de Francisco José Pereira Alves, numa linguagem cuidada, procura reflectir sobre a vida quando essa demonstra de um momento para o outro a nossa mortalidade. Como diz um personagem na página 96, «Como por encanto, senhores doutores, a vida convence-me de que quem manda é ela. Não imaginem o que é estar a pensar que hoje vamos fazer isto ou aquilo, que vamos almoçar ou jantar com este ou aquela, que o dia vai ser rotineiramente igual a milhares de outros dias idênticos a dias idênticos e de repente, não mais que de repente, sentem-se, vêem-se encharcados de sangue, do vosso próprio sangue, presos, no meio de ferro retorcidos, prestes a morrer, sem alternativa, sem poder fazer nada, está-se incapaz de mandar no nosso corpo, fica-se sem perceber quem somos, o que somos, o que fazemos aqui.»



«Correções» (National Book Award 2001), reeditado agora pela Dom Quixote, foi a obra que confirmou Jonathan Franzen como um dos grandes nomes da literatura mundial. O seu mais recente livro, «Freedom» (será lançado cá, em princípio, em Março ou Abril), colocou-o na capa da Time (no dia 23 de Agosto, com o título «Great American Novelist»), algo que nenhum escritor vivo conseguiu nos últimos dez anos. Como escreveu o The New York Times Book Review, «Correções» «é maravilhoso e tem tudo o que se espera de um grande romance, excepto uma coisa: o seu fim». Ao longo de cerca de 500 páginas, Franzen conta-nos a história da família Lambert e é com ela que somos levados a reflectir sobre a década de 90. Nada escapa ao seu céptico e algoz olhar, já que todos os personagens consubstanciam a crise de valores da sociedade contemporânea, seja ela humana, moral, religiosa, financeira ou de costume. Antes de tudo, «Correções» retrata dois mundos que acabam por ser incompatíveis: o conservadorismo dos pais e o pragmatismo, mas sem perspectivas futuras, dos filhos. Há livros que definem uma época, livros que serão obrigatórios ler no futuro para poder compreender o passado. E, sem dúvida, «Correções» será um deles (e já há quem diga que «Freedom» também...). Uma obra portanto para ser lida neste final de década e que acaba por abrir portas para a nova obra de Franzen, o autor de culto da actualidade.



A Sextante também reeditou agora «Nove Mil Passos», romance de estreia de Pedro Almeida Vieira. Segundo a editora, a nova edição apresenta «uma revisão profunda», o que favorece a sua leitura. Considerado um dos melhores escritores históricos do nosso país, este livro foi uma surpresa aquando do seu lançamento, em 2004, muito devido ao rigor na pesquisa e na escrita, mas principalmente devido a sua ironia e a inclusão do fantástico, algo invulgar em romances históricos. «Nove Mil Passos» aborda a construção do Aqueduto das Águas Livres. A história é contada por Francisco d' Ollanda, morto mais de um século antes dos acontecimentos que narra, que revela as intrigas e relações entre a corte e o povo, mas sobretudo as conspirações protagonizadas pelo prior de S. Nicolau. As situações criadas por Pedro Almeida Vieira são numerosas e o autor consegue ao longo da obra nunca perder o rumo das inúmeras histórias paralelas que constrói. Sempre com a ironia sempre presente, como acontece na página 177: «Estranhos são os desejos das mulheres nas Artes de foguear a paixão – nunca se lhes percebe se há um tempo, um lugar, uma circunstância, um símbolo ou uma figura, ou se tudo isto junto, que lhes faz irromper o coração em turbulência e o espírito em agitação. Como nunca eu, Francisco d' Ollanda, as consegui compreender em vida, nem como espírito almejei melhor sorte em desvelar seus mistérios, não vos conseguirei ser grande auxiliar nesta matéria.»



«O Corsário Negro», de Emilio Salgari, e «A Ilha do Tesouro», de Robert Louis Stevenson, são os dois primeiros títulos da nova colecção do Clube do Autor, Os Livros da Minha Vida, que tem como máxima as palavras de Italo Calvino: «Um clássico é um livro que nunca acaba de dizer o que tem para dizer». A ideia desta colecção é simples, mas ao mesmo tempo genial: qual é o livro da História Literária que marcou a sua vida? A resposta será dada por figuras públicas nacionais. Eduardo Marçal Grilo escolheu «O Corsário Negro», enquanto Miguel Sousa Tavares, que tem uma pequena participação na editora, elegeu o segundo. Em cada livro, o convidado escreve um pequeno texto sobre a sua escolha, justificando de certo modo a sua decisão. «A Ilha do Tesouro» é, pois, antes de mais nada, uma grande história contada a crianças e a adultos, e de tal forma, que eles têm dificuldade em adormecer, largando o livro a meio. E, no fundo da adolescência de cada um de nós, existe – mesmo que não

tenhamos lido o livro – uma reminiscência, quase uma saudade, de ouvir contar, de ler ou de ver no cinema, uma

Escolha uma opção... ▼

Sondagem

Concorda com divulgação documentos pelo Wikileaks?

Sim

Não

votar

Opinião Digital

[«As presidenciais - um designio estéril»](#)

João Távora *

[«Os presidentes, os candidatos...»](#)

João Mattos e Silva *

[«IDT: que futuro?»](#)

Luzia Delgado*

Cinema

ESTREIAS 23 DE DEZEMBRO

«O Mágico»

«Não Há Família Pior!»



história de uma ilha onde está escondido um tesouro de piratas, à espera de quem o consiga resgatar (lembrem-se de *O Conde de Monte de Cristo*, de Dumas)», escreve o autor do best-seller «Equador». Uma ideia brilhante da Clube do Autor, que assim (re)edita clássicos de sempre e desvenda algumas das leituras das nossas figuras públicas.



Um dos clássicos de sempre é «Dom Quixote», de Miguel de Cervantes, que, entre as duas partes da sua obra, escreveu «Novelas Exemplares», editado agora pela Ulisseia. Editada em 1613, temos aqui 12 histórias independentes que têm como principal objectivo entreter o leitor, embora inicialmente seja complicado *entrar* na sua linguagem, que exige num primeiro momento alguma paciência e empenho. Mas depois a leitura torna-se escurra e retiramos o necessário prazer do livro, como era o objectivo de Cervantes, com admitiu no prólogo: «Dei-lhes o nome de *exemplares*, e, se vires bem, não há nenhuma de que não se possa tirar algum exemplo proveitoso; e, se não fora por não alargar este assunto, talvez te mostrasse o saboroso e honesto fruto que se poderia tirar, assim de todas juntas, como de cada uma por si. O meu propósito foi pôr na praça da nossa república uma mesa de truques, onde cada um possa chegar a entreter-se, sem dano de barras; digo, sem dano da alma nem do corpo, porque os exercícios honestos e agradáveis antes aproveitam que prejudicam. Sim, que nem sempre se está nos tempos, nem sempre se ocupam os oratórios, nem sempre se assiste aos negócios, por qualificados que sejam. Há horas de recreação nas quais o afligido

espírito descanse.» Portanto, é hora de libertar o espírito e acolher estas novelas, todas elas exemplares e consideradas no seu conjunto verdadeiras obras-primas do conto...



«Vantagens em Viajar de Comboio», de Antonio Orejudo Utrilla (vencedor do XV Prémio Andalucía de Novela), é mais um título da colecção *Minotauro*, das Edições 70. Como o próprio espanhol disse numa entrevista, «o livro é contra a literatura intimista, contra a literatura em primeira pessoa. Eu diria que é um livro escrito contra a literatura que acaba por aceitar que, no mundo, tudo é literatura». No vagão principal temos uma mulher que deixa o seu marido num hospital psiquiátrico, mas também um médico (???) do mesmo local, que deixa os seus apontamentos no comboio. A obra é preenchida de humor (muitas vezes humoregro), é escrita numa linguagem desvolta e bastante acessível, o que torna a sua leitura mais cómoda, e apresenta um infindável número de personagens, que entram e saem da trama como se desembarcassem nos paradesios da viagem. A esquizofrenia paira em todas as páginas e «Vantagens em Viajar de Comboio» pode ser lido como um romance, mas também como um livro de conto. Atenção também para o elevado número de narradores, o que por vezes poderá causar algum desconforto para o leitor menos habituado, mas que acaba por ser fundamental para o desenrolar da obra. Aliás, esse *pomenor* é precisamente um dos fascínios desta obra, que deve ser lida sem complexos e sem temor, principalmente devido as

personagens criadas por Antonio Orejudo Utrilla, que, com este livro, virou os focos do êxito para a sua carreira.



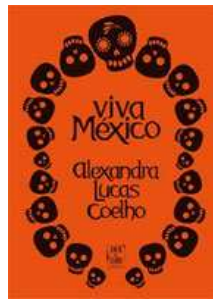
Também da *Minotauro* (que tem como objectivo desvendar e revelar quem faz hoje a literatura em Espanha), «Os Peixes da Amargura», de Fernando Aramburu (Prémio Real Academia Espanhola em 2008), é mais uma prova de uma das colecções mais equilibradas em termos de qualidade do mercado nacional (portanto, palmas para o director editorial Antonio Sáez Delgado). Neste livro temos dez relatos que abordam as consequências do terrorismo da ETA, do ponto de vista das suas vítimas, mas também dos seus apoiantes. Aramburu procura acima de tudo aproximar o leitor dos seus personagens, causando assim uma atitude *não passiva* durante a leitura (o uso de vocábulos e modismos oriundos do basco procuram aumentar ainda mais essa proximidade). No entanto, «Os Peixes da Amargura» não é um manifesto político, pelo contrário. O autor procurou antes de tudo demonstrar como vive o povo basco, as suas angústias e lamentações, os seus anseios e medos, a sua dor mas também as suas esperanças. Ao longo das páginas não há lugar para a poesia e o romantismo, com Aramburu a preferir utilizar um texto literário de um realismo extremo, o que beneficia o seu conjunto e desenvoltura. O espanhol consegue portanto com destreza construir um universo particular de pessoas normais, revelando os seus dramas sem cair na demagogia, algo que poderia ter

acontecido com alguma facilidade. E este é o principal mérito desta obra.



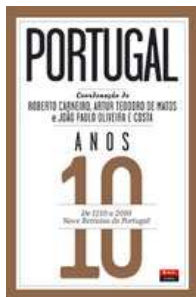
Para os amantes das viagens, há um livro que é imprescindível: «O Mundo é Fácil – Aprenda a viajar com Gonçalo Cadilhe», editado pela Oficina do Livro. Uma das pessoas mais invejadas em Portugal, o jornalista não nos relata agora uma das suas fantásticas viagens, mas oferece um indispensável guia para aqueles que pensam em... viajar. Como o próprio confessa na nota introdutória, o objectivo é fazer com que as pessoas viajem. Gonçalo Cadilhe divide o livro em três partes: o «Antes», o «Durante» e o «Depois». E nessas três partes está tudo o que podemos imaginar numa viagem. Absolutamente tudo! Por exemplo, há inclusive um capítulo com os «W.C.» que podemos encontrar no Mundo. «Transportes», «O que levar», «Alcool e Drogas», «Turismo Responsável», «Dinheiro»... Este livro é um regalo para qualquer pessoa e absolutamente obrigatório para qualquer pessoa que aprecie viajar (ou seja, todos!). E de salientar ainda a sua paginação, absolutamente fora do habitual, os 10 depoimentos de pessoas que revelam as suas experiências pessoais e a infindável informação útil no seu interior, inclusive um guia de «Livros por Destinos», livros essenciais para conhecermos/entendermos uma determinada região, país, cidade do Mundo. A verdade é que faltava um livro como este nas estantes nacionais. E, sejamos honestos, ninguém o

poderia escrever a não ser Gonçalo Cadilhe.

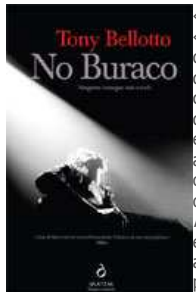


Por falarmos em viagens, o México parece ser um destino perfeito para este fim de ano (mas também para os próximos...) e «Viva México» o livro ideal para conhecermos em pomenor o país. Mas esta obra da Tinta-da-China não é um guia de viagens. Acima de tudo, e este é o mérito desta *pequena* peça de arte literária, Alexandra Lucas Coelho não foi atrás dos mais do que já descritos roteiros turísticos que fazem a História do México, foi muito mais além do que eles, já que a autora entra literalmente na alma do povo mexicano devido às inúmeras histórias que relata. «Viva México» é antes de tudo um livro de pessoas, que a autora conheceu durante as suas deambulações que duraram três semanas (parte dela foi desvendada numa série escrita para o jornal Público, onde trabalha). E é através dessas deambulações que conhecemos a coluna vertebral do país. São inúmeras as situações vividas e descritas pela jornalista, que comprova mais uma vez a sua enorme capacidade de captação do real. «O silêncio é um bem raro no México. Se não é o trânsito, é a televisão, a rádio, os foguetes, as bandas de rua, os carros-altifalante que apregoam 'Água! Néctar! Água Néctar!'» Nada escapa ao olhar singelo de Alexandra Lucas Coelho, que tem outro livro na colecção de literatura de viagens (dirigida por Carlos Vaz Marques) da editora Tinta-da-China, «Caderno

Afegão». Este é sem dúvida alguma um dos livros do ano, aqueles que devem ser comprados obrigatoriamente, mesmo em tempos de crise (e a verdade é que não há nada melhor do que esquecer as tristezas da vida através das páginas de um livro...). E isso não é pouco...



Um dos livros que podemos levar na bagagem das nossas viagens é «Anos 10 – de 1210 a 2010, Nove Retratos de Portugal», coordenado por Roberto Carneiro, Artur Teodoro de Matos e João Paulo Oliveira e Costa (edição Texto). Com o fim do ano é importante olharmos para atrás e este leva-nos aos anos 10 da nossa História. «Não buscámos um conjunto de efemérides famosas, nem tampouco recontar a história do nosso país de fio a pavio. Interessou-nos antes fazer um exercício diferente, (...) o de olhar para cada ano 10 (de 1210 a 2010) e analisar a situação do país, entendendo-a como ponto de chegada do processo histórico decorrido nos cem anos anteriores», esclarecem os coordenadores. Temos aqui portanto nove retratos de Portugal. Roberto Carneiro, Artur Teodoro de Matos e João Paulo Oliveira e Costa asseguram ainda que os autores procuraram observar «o seu ano evitando ao máximo utilizar os conhecimentos de que dispõe sobre os tempos que se seguiram; o de 2010 fê-lo de um modo absoluto, mas os demais procuraram sentir igualmente as incertezas quanto ao futuro que condicionam o Homem e a sociedade de cada momento da existência. Na verdade em «Anos 10 – de 1210 a 2010, Nove Retratos de Portugal» entrámos numa Máquina do Tempo e conhecemos um país em apenas nove passos, nove passos que definem o que somos hoje. Uma ideia original num livro cativante devido aos seus textos e leituras temporais.



«No Buraco», do brasileiro Tony Bellotto (Quetzal, que também tem editado pelo mesmo autor «Um Caso com o Demónio», mais um romance policial do detective Remo Bellini, personagem que já conta com três aventuras, duas delas transportadas para o cinema), é um ótimo retrato do que foi ser músico nos últimos anos (hoje vive-se literalmente outros tempos...). Guitarista e compositor dos Titãs, um dos principais grupos da música brasileira, com mais de duas décadas de estrada, o livro aborda a crise de identidade de Teo Zanquis, «cinquentão» que viveu até então sempre num ritmo frenético. A obra acaba por reflectir as recordações do personagem, algumas certamente vividas pelo próprio autor do livro. Apesar de ser uma obra de ficção, este é o principal factor de interesse de «No Buraco», já que sentimos a realidade *in loco* nas palavras do músico, tudo porque Teo Zanquis (Tony Bellotto?) viveu em pleno o lema *Sexo, Drogas e Rock 'n' roll*. Este é o sétimo título em 15 anos publicado pelo guitarrista dos Titãs, que, além de escritor, também é apresentador de televisão. Ao contrário dos anteriores, este é o livro mais autoral da sua carreira, o que acabou por causar alguma expectativa no Brasil, principalmente porque Bellotto é uma figura pública e é casado com a actriz Malu Mader. Nota também para a simplicidade da linguagem, o que facilita em muito a sua leitura, e para as inúmeras referências do meio artístico. Uma obra para ler com um MP3 no ouvido.

Canais Diário Digital



[Portugal ganhou 10.463 residentes no ano passado](#)

[Taxas Euribor recuam em todos os prazos](#)

[Apifarma aplaude transferência para hospitais saldarem dívida](#)



[«OK Computer» considerado melhor álbum em 25 anos pela Q](#)

[Portishead anunciam Arcade Fire no Super Bock Super Rock](#)

[Portishead no Super Bock Super Rock a 15 de Julho](#)

Mundo

[ver mais](#)

[Assange promete 3,7 mil documentos sobre Israel](#)

[Líder nacionalista será proclamado presidente da Catalunha](#)

[Costa do Marfim: 173 mortos entre 16 e 21 de Dezembro](#)

[No último discurso, Lula vai pedir apoio do povo a Dilma](#)

[Duma pode aprovar tratado nuclear com EUA sexta-feira](#)

[São Tomé: Escola encerrada por suspeitas de feitiçaria](#)

Política

[ver mais](#)

[Presidenciais: Sondagem dá 60% a Cavaco Silva](#)

[Alegre acusa Cavaco de ter quebrado a lealdade institucional](#)

[Alegre critica novo fundo para o desemprego](#)

[Alegre não é candidato «nem do Governo nem da oposição»](#)

[Reviravolta na CML passa projecto inicial para o Largo do Rato](#)

[UE renova e amplia sanções contra regime de Pyongyang](#)

Sociedade

[ver mais](#)

[Acesso ao maciço central da Serra da Estrela cortado](#)

[Escolas do ensino particular terão contratos renovados](#)

[Face Oculta: Escutas a Sócrates não foram todas destruídas](#)

[Neve corta estrada que liga Castro Daire a Cinfães](#)

[Mudanças de aviões trazem mais 300 passageiros de Londres](#)

[Face Oculta: Escutas a PM resistiram à ordem de destruição](#)

Economia

[ver mais](#)

[Portugal ganhou 10.463 residentes no ano passado](#)

[Taxas Euribor recuam em todos os prazos](#)

[Apifarma aplaude transferência para hospitais saldarem dívida](#)

[Petróleo da OPEP supera os 90 dólares pela 1ª vez em 27 meses](#)

[Berlim propõe novo fundo estabilização autónomo face ao BCE](#)

[Investshoes: cem trabalhadores não receberam subsídio Natal](#)

Saúde

[ver mais](#)

Pessoas

[ver mais](#)

